

## EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE TAVIRA: RESULTADOS PRELIMINARES

Jaquelina Covaneiro<sup>1</sup>  
Sandra Cavaco<sup>2</sup>

### **Resumo:**

Os vestígios da ocupação mais antiga de Tavira localizam-se na colina de Santa Maria, onde se procedeu à recolha de várias evidências arqueológicas que podemos atribuir ao Bronze Final. No decurso da Idade do Ferro os indícios sugerem um aumento significativo da área ocupada a qual é dotada de um perímetro defensivo. A cidade renasce durante o período islâmico e engrandece-se em período medieval cristão.

**Palavra-chave:** Tavira; Evolução urbana.

### **Resumen:**

La ocupación antigua de Tavira ocurrió en la colina de Santa María, lugar donde se han encontrado restos arqueológicos que se pueden atribuir a la Final de Bronce. Las evidencias arqueológicas sugieren que durante la Edad de Hierro hubo un crecimiento significativo de la ciudad, que en esta época fue dotado de un perímetro defensivo. La ciudad renació en el periodo islámico y aumenta en el período medieval cristiano.

**Palabras-llave:** Tavira; Evolución urbana.

### **1. Introdução.**

Tavira localiza-se no sul de Portugal, mais precisamente na colina de Santa Maria, pequena elevação com cerca de 30 metros, situada na margem direita do rio Gilão e muito próxima da sua foz.

---

<sup>1</sup> Jaquelina Covaneiro. Arqueóloga. Câmara Municipal de Tavira. [jcovaneiro@cm-tavira.pt](mailto:jcovaneiro@cm-tavira.pt)

<sup>2</sup> Sandra Cavaco. Arqueóloga. Câmara Municipal de Tavira. [scavaco@cm-tavira.pt](mailto:scavaco@cm-tavira.pt)



Fig. 1. Localização de Tavira

Os trabalhos arqueológicos efetuados na colina genética da cidade revelaram a presença de uma ocupação da Idade do Bronze, a que se sobrepõem níveis da Idade do Ferro. O espólio exumado apresenta características marcadamente orientais, pelo menos a partir da segunda metade do século VIII a.C., indiciando a existência de contactos comerciais com a área mediterrânea e com as colónias fenícias ocidentais.

No decurso da presença romana no sul peninsular Tavira foi abandonada, algures entre os séculos IV a.C. e I a.C. Aparentemente, o centro habitacional da região estabelece-se em *Balsa*, uma das grandes cidades do sul da Lusitânia. O declínio deste importante centro urbano, a partir do século VI, marca o (re)nascimento habitacional da cidade de Tavira.

Os primeiros indícios da ocupação da colina de Santa Maria em época islâmica remontam ao século XI, na face virada a Sul-Sudeste. No decurso dessa ocupação Tavira transforma-se, de uma pequena *qarya* (alcaria), protegida por um pequeno *hisn*, em *mādira* (cidade), em meados do século XII. Após a conquista cristã, em 1242, a cidade

registra um contínuo crescimento urbano, verificando-se que em finais do século XIII esta ocuparia uma área muralhada de cerca de cinco hectares. No decurso dos séculos XIV, XV e XVI a atividade comercial e marítima registada pelo porto de Tavira traduz-se num acentuado desenvolvimento económico e num crescimento urbano.

## 2. O Bronze Final em Tavira

No decurso do Bronze Final a colina de Santa Maria é ocupada, na face virada a sul-sudeste. À semelhança de Castro Marim, e de outros sítios da Andaluzia, esta colina apresenta boas condições naturais de defesa, localizando-se numa área que lhe permite o domínio das vias de comunicação, bem como de uma extensa região farta em recursos naturais. Esta implantação permite aos seus habitantes controlar o trânsito de pessoas e bens entre o litoral e o interior do território, favorecendo o intercâmbio de ideias, bens e produtos.

No Solar dos Corte Real, um dos locais intervencionados com ocupação deste período, foi possível identificar numa ampla área diversos fundos de cabana, que testemunham a transição entre a Idade do Bronze e os primeiros contactos com o mundo fenício (Maia e Gómez Toscano, 2012: 330) e, uma estrutura de combustão constituída por pedras de quartzo unidas por barro, a que se associa uma pequena taça carenada e um fragmento de taça com motivos geométricos brunidos (Maia, 2003: 42).

Ainda no Solar Corte Real foi identificado um conjunto de cerâmicas correspondentes à primeira fase de ocupação do sítio, relacionando-se com a construção da primeira muralha de “casamatas e passadiço, datáveis de finais do século VIII a.C. (Maia e Gómez Toscano, 2012: 333). Destaca-se uma caçoila com decoração incisa e várias caçoilas ou pratos de superfície brunida (*ibidem*: 333).

Noutro local - Palácio da Galeria - os trabalhos realizados permitiram reconhecer uma possível *cabana*, com pavimento em terra batida, paredes revestidas a barro e a fragmentos de grandes vasos montados à mão, situada cerca de 40cm abaixo do nível do solo natural, no interior da qual se identificou um silo e uma estrutura de combustão, contendo na sua moldura uma boca de *ampolla* de origem oriental (*ibidem*: 43). Em estruturas análogas (Suárez Padilla e Márquez Romero, 2014: 215) é possível constatar que estes fundos de cabana se encontravam colmatados por um ou mais

estratos arqueológicos, documentando uma longa diacronia de ocupação, situação que, pelos dados que dispomos, não se terá verificado em Tavira.

Ainda na colina genética de Tavira, foram feitas duas intervenções no logradouro do Palácio da Galeria (ou Parque de Festas) as quais possibilitaram reconhecer vários indícios enquadráveis no Bronze Final. A escavação efetuada por Maria Maia terá reconhecido elementos da mais antiga ocupação deste período em Tavira, tendo sido identificada, na designada Camada 6b uma bolsa contendo carvões e cinzas, no interior da qual foram reconhecidas taças carenadas, um rolo de argila e uma faca de bronze, tipo “Porto de Mós” (2008: 4). Nas proximidades destes achados recolheram-se ainda dois fragmentos de machados de bronze, associados a carvões, o que levou a autora a ponderar a existência de uma área de fundição (*ibidem*: 4).

A segunda intervenção efetuada neste local por Inês Simão e Marina Pinto permitiu registar, na Sondagem 4, várias estruturas negativas escavadas na rocha, assim como duas valas sub-circulares e vários buracos de postes. Tendo em conta os dados compilados, as autoras consideram possível tratar-se de uma área de povoamento, integrando as duas estruturas negativas, o compósito de uma cabana e respetivo anexo, com paralelos no povoado de Neves II, em Castro Verde (Simão e Pinto, 2009: 29-30). Os materiais associados são escassos e de reduzidas dimensões. No entanto, recolheram-se cerâmicas com a face externa alisada a *cepillo* (*ibidem*: 29-30).



Fig. 2. ©Era, Arqueologia. Possível cabana

Pese embora a escassez de dados, estes permitem-nos afirmar que a colina de Santa Maria regista povoamento de origem local, prévia à presença de “fenícios” em Tavira, a partir de finais do século VIII a.C. O povoado possuiria alguma organização estrutural, tendo-se reconhecido áreas de fundição de minério e, espaços habitacionais, a que se associam cerâmicas carenadas feitas à mão.

Poderá este povoado ter sido essencial ao contacto e, posterior fixação de populações exógenas em Tavira, possibilitando que a cidade se transforma-se num importante núcleo urbano do Algarve oriental, assumindo-se como um centro de primeira ordem na terceira centúria do I milénio a.C.?

### **3. A ocupação de Tavira no decurso da Idade do Ferro**

No que concerne a Idade do Ferro constatamos que a localização e a topografia da cidade mantém a continuidade de ocupação anterior (Bronze Final), direccionando o domínio visual do entorno para o controlo das chegadas por mar e acessos ao interior, beneficiando da existência de boas condições portuárias, reforçando as condições naturais de defesa do espaço habitacional, com um recinto muralhado.

Os trabalhos arqueológicos realizados pelo Campo Arqueológico de Tavira e, nos últimos anos, por diversos profissionais liberais e pela equipa de arqueologia municipal, têm dado a conhecer um conjunto significativo de espólios e de estruturas associadas à vivência mediterrânea e oriental da cidade.

### 3.1. A necrópole do Convento da Graça.

No seguimento de trabalhos arqueológicos realizados no Convento de Nossa Senhora da Graça, escavou-se uma necrópole de urnas de tipo dito «tartéssica», implantada no sopé da encosta Norte-ocidental da colina de Santa Maria (Arruda, Covaneiro e Cavaco, 2008).

A intervenção registou a existência de uma necrópole de incineração com três sepulturas e uma estrutura retangular, escavada na rocha, no centro da qual existia uma pequena fossa circular. Uma vez que até ao momento não foram realizados estudos antropológicos, nada sabemos sobre os indivíduos cremados, inclusive desconhecemos se a cada cremação corresponde um único indivíduo (*ibidem*, p. 128).

A datação por radiocarbono obtida nos restos osteológicos da sepultura 3 [UBA-20474 2431 +/- 30 BP C14, calibrado a 1 sigma 706-695 e a 2 sigmas 749-687 a.C.]<sup>3</sup> aponta para uma utilização da necrópole centrada na segunda metade/finais do século VII a.C.

O espólio arqueológico exumado não é abundante, contudo, regista-se a existência de similitudes com materiais cerâmicos procedentes de sítios arqueológicos com marcadas características orientalizantes, decorrentes da presença e/ou do contacto comercial fenício. Em território português encontramos paralelos em Castro Marim (Freitas, 2005; Arruda, 2002; Gomes e Arruda, 2013), Alcácer do Sal, Abul (Mayet e Silva, 1993) ou Santarém (Arruda, 1993).

Em si, esta necrópole possui paralelos em toda a área meridional do ocidente peninsular, em Ibiza e no Norte de África (Arruda, Covaneiro e Cavaco, 2008, p. 157). Para Portugal, citamos os exemplos oriundos de Alcácer do Sal, que indiciam a existência de uma necrópole com urnas de tipo Cruz del Negro, sendo ainda de equacionar os dados referentes a duas urnas exumadas em Mértola (*ibidem*, p. 157).

---

<sup>3</sup> Deixamos o nosso agradecimento ao Dr. Dirk Brandhem, da School of Geography, Archaeology and Palaeoecology e ao ChronoCentre da Queen's University, pela realização gratuita da análise de radiocarbono.

Os dados reunidos até ao momento levam-nos a admitir que as sepulturas escavadas, localizadas na área envolvente ao Convento da Graça, correspondem a uma necrópole de urnas de tipo dito «tartéssica». Esta necrópole poderá ter estado relacionada com o núcleo urbano da cidade, sendo admissível considerar que os “...*fenícios que nela se sepultaram não integrassem o grupo dirigente que construiu e/ou se sepultou nos monumentos do Palácio da Galeria*” (*ibidem*, p. 158).

### 3.2. A muralha.

Trabalhos arqueológicos realizados em Netos colocaram a descoberto um troço de muralha, dita “salomónica” ou de casamatas e passadiços, a qual terá tido originalmente uma espessura máxima de 9,5 metros. Esta tem paralelos conhecidos em La Fonteta (Alicante) e no Castillo de Doña Blanca (Cádiz). A autora da intervenção (Maia e Silva, 2004, p. 181) data este espesso tramo defensivo da segunda metade do século VIII a.C. (Maia, 2000, p. 3). A par dos vestígios murais recolheram-se fragmentos de ânfora e de pratos de engobe vermelho, ampolas de base plana, entre outros, enquadráveis em cronologias da segunda metade do século VIII a.C. e século VII a.C. (*ibidem*, p. 9).

Recentemente, trabalhos desenvolvidos no Terreiro do Parguinho n.º 2 a 4 revelaram a existência de um outro tramo desta muralha (Mateus, 2010, p. 21). A ocupação aí registada revela a existência de três momentos associados a construções e/ou remodelações do espaço. Assim, entre os séculos VIII-VI a.C. é edificada uma estrutura habitacional que regista, ainda no decurso deste período, diversas obras de remodelação dos seus compartimentos. Num período contemporâneo ou posterior aos séculos VIII-VI a.C. é construída uma estrutura de grandes dimensões (muralha) que deverá encontrar correspondência com o tramo identificado no sítio de Netos. A edificação da muralha conduziu à reorganização do espaço construído (*ibidem*, p. 24).

Identificaram-se materiais cerâmicos associados ao nivelamento do terreno, destinado à construção da estrutura habitacional, nomeadamente bordos de ânfora de produção fenícia, um fragmento de taça de cerâmica cinzenta, um fragmento de prato de engobe vermelho, um fragmento de “*pithos*” com decoração em bandas e ainda fragmentos de cerâmica manual (*ibidem*, p. 41) que permitem centrar o início da ocupação do local entre os séculos VIII-VI a.C.

Nas proximidades do Terreiro do Parguinho, na Travessa dos Pelames n.º 6 a 8, encontra-se em curso uma escavação arqueológica, da responsabilidade científica do arqueólogo Fernando Santos. A intervenção tem vindo a revelar materiais arqueológicos atribuíveis à II Idade do Ferro (Santos, 2016, p. 20). Os contextos intervencionados revelam a presença de elevada concentração de cinzas, carvões e fauna mamalógica. Tendo em consideração as características dos estratos, é possível que se possa tratar de uma área de lixeira, aparentemente fora de muralhas.



Fig. 3. Escavação arqueológica da Travessa dos Pelames

A proposta elaborada por Maria Maia, relativamente ao traçado das muralhas da Idade do Ferro de Tavira, considera a possibilidade deste se estender para noroeste, no sentido do porto interior ou militar (Maia e Loureiro, 2008, p. 164). Caso os dados procedentes do Terreiro do Parguinho e da Travessa dos Pelames se venham a confirmar, é possível considerar a existência de um perímetro defensivo de relativa dimensão a proteger integralmente a colina de Santa Maria e, por inerência, todo o núcleo urbano.

### 3.3. O Santuário do Palácio da Galeria.

Os trabalhos arqueológicos efetuados no Palácio da Galeria revelaram um vasto e complexo conjunto de poços, com diâmetros e profundidades diversas. O espólio encontrado no interior destas construções permite situar a sua edificação na segunda metade do século VII a.C., sendo de salientar que as características morfo-tipológicas dos materiais cerâmicos indicia a presença, na colina de Santa Maria, de populações portadoras de uma cultura exclusiva ou totalmente fenícia (Maia e Silva, 2004, p. 188).

Estas estruturas foram interpretadas por Maria Maia como sepulturas, posteriormente sacralizadas e transformadas em lugar de culto. Os poços da encosta corresponderiam assim a *Bothroi* e integrariam um santuário dedicado a Baal, o deus protetor da navegação (*ibidem*, p. 191). A sacralização do espaço explicaria a presença de sepulturas no interior do perímetro amuralhado, ignorando a vulgar separação entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos.

A hipótese de um santuário dedicado a Baal, consubstanciado nos poços do Palácio da Galeria, permite conjecturar a eventual existência de um espaço sacralizado mais abrangente, “escondido” pelas atuais construções. Trabalhos arqueológicos efetuados no Parque de Festas, possibilitaram reconhecer a presença de uma intensa ocupação humana centrada entre os séculos VIII a.C. e IV a.C. (Simão e Pinto, 2009).

A intervenção realizada por Inês Simão e Marina Pinto permitiu identificar na Sondagem 2 duas estruturas negativas de forma sensivelmente sub-circular sobrepostas e, posteriormente entulhadas. Ainda nesta sondagem reconheceram-se duas outras estruturas sub-circulares escavadas na rocha, ligadas por uma passagem entretanto entaipada (*ibidem*, pp. 22-23). As autoras dos trabalhos colocam em evidência a similitude destas estruturas com os poços votivos escavados por Maria Maia no Palácio da Galeria (*ibidem*, p. 23). É possível que uma pequena fossa circular existente na Sondagem 3, contendo alguma cerâmica de tradição fenícia, seja similar às estruturas identificadas na Sondagem 2 (*ibidem*, p. 26).



Fig. 4. ©Era, Arqueologia. Estruturas negativas escavadas na rocha

A análise do conjunto artefactual permitiu reconhecer cerâmicas de engobe vermelho, cerâmica pintada em bandas, ânforas de tradição fenícia, entre outros (*ibidem*, p. 24).

Caso as estruturas negativas escavadas na rocha, identificadas no Parque de Festas, correspondam, efetivamente a poços votivos poderemos estar perante um espaço do sagrado de considerável dimensão, localizado a céu aberto e implantado nas imediações do Templo, que se supõe, de acordo com as indicações de Maria Maia (2004), se localizaria onde atualmente se implanta a Igreja de Santa Maria.

É igualmente avançada a hipótese de um santuário fluvial e marítimo implantado na área correspondente ao presente Núcleo da Água. Em ambos os casos, as intervenções arqueológicas realizadas até ao momento não permitem confirmar estas hipóteses de trabalho.

#### 3.4. A atividade económica.

Como anteriormente referimos, a escolha da colina de Santa Maria para a implantação do povoado da Idade do Ferro não terá sido casual, terá sido determinante o domínio visual do entorno, o qual possibilitaria o controlo das chegadas por mar e o acesso às regiões do interior. As estruturas e os espólios arqueológicos testemunham

intensos contactos comerciais com a área mediterrânea e com as colónias fenícias ocidentais, com destaque para Gadir.

De modo a facilitar o intercâmbio comercial, as vias de comunicação, terrestres e marítimas, bem como as infraestruturas portuárias terão sido fundamentais ao trânsito de mercadorias. De acordo com Maria Maia (2004) a cidade possuiria dois portos, sendo que na atual Praça da República se situaria o porto comercial e na área da Bela Fria situar-se-ia o porto interior ou porto militar.

No que respeita o porto interior ou militar, trabalhos arqueológicos efetuados nas imediações da Travessa dos Pelames revelaram a presença de uma rampa desbastada na rocha, interpretada como um molhe de acostagem (Maia, 2007: 3).

Escavações levadas a cabo no sítio do BNU revelaram a associação de diversas estruturas e materiais cerâmicos cronologicamente atribuídos aos finais do século IV a.C. ou inícios do III a.C. (Maia e Loureiro, 2008: 166). Os trabalhos arqueológicos colocaram a descoberto o porto comercial, de que foi escavado parte do molhe de acostagem e uma rampa para manutenção em seco de embarcações (*ibidem*: 167). Foi ainda possível reconhecer um forno cerâmico contendo ânforas (Maia, 2004: 11), um armazém de ânforas, uma cabana de pescadores, com vestígios de redes de pesca e respetivos pesos, e indícios de um tanque (Maia e Loureiro, 2008: 167-168). Para a investigadora, os dados aqui documentados respeitam um vasto complexo artesanal dedicado à pesca e salga de peixe e moluscos.

No Solar Corte-Real identificaram-se indícios relativos ao processamento de minério e atividades metalúrgicas de relativa dimensão (Maia, 2000: 5). No caso em apreço, não é relevante se o minério é proveniente da serra algarvia ou do interior alentejano nem qual a via de comunicação utilizada. Essencial é o facto de existir em Tavira um grupo de pessoas com as competências necessárias ao processamento de minério.

Os materiais cerâmicos identificados em Tavira são reveladores de contactos comerciais com a área mediterrânea e as colónias fenícias ocidentais. A identificação de áreas de processamento de minério, de conserva e embalagem de produtos piscícolas, bem como a presença de produtos manufaturados importados, permite afirmar a presença de uma intensa atividade industrial e comercial na cidade. Assim, é possível

considerar a possibilidade de Tavira ter assumido um papel de relevância no comércio inter-regional.

Contudo, tão intensa atividade comercial e industrial que perdurará, até pelo menos ao século IV a.C., se tivermos em linha de conta a identificação de cerâmica ática um pouco por toda a cidade (Barros, 2004: 73), coloca a tónica na existência de elites dominantes, possivelmente de origem exógena, que controlariam estas atividades e que se fizeram sepultar nos monumentos do Palácio da Galeria.

Em Corte-Real terá sido reconhecido parte de um edifício, com evidentes características monumentais “...*que denuncia uma marcada diferenciação social, relacionável com uma aristocracia ou segmento populacional que creio de origem exógeno*” (Maia e Silva, 2004: 180). Por outro lado, a documentação de um fragmento de cerâmica que ostenta caracteres fenícios em ambas as faces (*ibidem*: 185), remete-nos para a possibilidade de existência na cidade, nos finais do século VII a.C., de um grupo de pessoas que escrevia e compreendia o alfabeto e a língua fenícios (*ibidem*: 186).

### 3.5. As habitações.

Para além dos resultados obtidos nos trabalhos arqueológicos, efetuados na colina de Santa Maria, pouco conhecemos das estruturas habitacionais da cidade na Idade do Ferro, em parte derivado das limitações impostas pela arqueologia urbana. No entanto, têm-se identificado estruturas passíveis de associarmos a espaços de habitat.

Os trabalhos realizados no Parque de Festas possibilitaram reconhecer diversas estruturas negativas, algumas utilizadas como lixeira, de formato e profundidade diversa, bem como compartimentos, níveis de pavimento formado por grandes lajes de pedra, estratos de entulho, fossas, entre outros (Simão e Pinto, 2009). Em associação a estas estruturas recolheram-se materiais cerâmicos de evidente tradição fenícia. Contudo, a compreensão das estruturas escavadas e da sua funcionalidade fica aquém do desejável, uma vez que não foi possível esclarecer se estas integram o espaço do santuário do Palácio da Galeria ou se se relacionam com contextos habitacionais.

Algumas intervenções na encosta noroeste da colina de Santa Maria têm vindo a evidenciar vestígios eventualmente procedentes de contextos habitacionais. Assim, no n.º 34 a 36 da Calçada de D. Ana foram exumados materiais cerâmicos, aparentemente

procedentes de um contexto de lixeira<sup>4</sup>. No n.º 23 decorre ainda a intervenção arqueológica e, embora não seja ainda possível determinar a associação dos materiais exumados a um dado contexto, as cerâmicas recolhidas são de tradição fenícia<sup>5</sup>.

Nas proximidades desta última intervenção, nomeadamente no Terreiro do Parguinho n.º 2 a 4, identificou-se uma estrutura habitacional composta por quatro compartimentos, sem que tenha sido possível determinar a funcionalidade de qualquer um dos espaços (Mateus, 2010: 55). Os materiais cerâmicos (cerâmica cinzenta, de engobe vermelho, com decoração em banda, cerâmica manual, entre outras) permitem avançar a hipótese de ter sido utilizada ao longo dos séculos VIII-VI a.C., momento em que terão também sido efetuadas obras de remodelação da habitação (*ibidem*: 5).

Muitos dos dados trazidos à colação neste capítulo eram já conhecidos da historiografia arqueológica, enquanto outros permanecem inéditos ou carecem de estudo sistemático. Contudo, em qualquer um dos casos, as estruturas e os espólios associados indiciam a existência de intensos contactos comerciais com a área mediterrânea e com as colónias fenícias ocidentais.

#### 4. A ocupação romana

Contrariamente ao incremento do conhecimento histórico-arqueológico existente relativamente à cidade da Idade do Ferro, o mesmo não acontece para a época romana. Considerando a aparente inexistência de novos dados para Tavira, não iremos abordar, no âmbito deste trabalho, questões debatidas por outros autores, como seja a origem da cidade romana de *Balsa* ou o seu topónimo (Maciel, 2004; Mantas, 2004), o Cerro do Cavaco e o seu papel numa estratégia de controlo do território (Fabião, 2004).

Pese embora a escassa informação, devemos assinalar algumas hipóteses de trabalho. Assim, o povoado situado na colina de Santa Maria aparenta ter sido abandonado nos inícios do século IV a.C. com a população a preferir a ocupação do Cerro do Cavaco (Maia e Silva, 2004: 178). Alguns autores consideram provável que o povoado tenha sido abandonado na primeira metade século I a.C. e que tenha ocorrido uma sua deslocação para um local situado a sul da povoação de Luz de Tavira. Até ao

---

<sup>4</sup> No momento encontra-se em curso processo de regularização dos trabalhos arqueológicos efectuados.

<sup>5</sup> Informação inédita, fornecida pelos arqueólogos Carla Alegria e Fernando Santos.

momento não é clara a razão deste abandono mas o centro da região ter-se-á deslocado para *Balsa* (Mantas, 2004: 86).

Os dados coletados até ao momento não são suficientemente claros quanto ao “abandono” da cidade de Tavira. Acreditamos que o núcleo populacional de Tavira seria significativo na Idade do Ferro, tendo em conta os dados resultantes dos trabalhos arqueológicos e, que a movimentação/deslocação de uma população para um novo local exigiria uma preparação prévia (construção de infra-estruturas, áreas residenciais,...). Deste modo, admitimos que o “abandono” da cidade terá sido gradual, independentemente do momento em que decorreu ou dos motivos que estiveram na sua origem. No entanto, não descartamos a hipótese de ter subsistido um pequeno assentamento em Tavira, tendo em conta a presença de vários fragmentos cerâmicos, bem como *tegulae*, maioritariamente vindos de estratos descontextualizados.

Ao que tudo indica, a cidade de *Balsa* após um grande florescimento, populacional e comercial, terá sofrido um abandono gradual, antecedido por uma decadência iniciada no século V. Entre os séculos VI e VIII o núcleo populacional ter-se-á firmado, novamente, em Tavira (*ibidem*: 93).

## 5. A ocupação de Tavira no decurso da época islâmica e medieval cristã

Os testemunhos existentes situam o início da ocupação islâmica de Tavira por volta do século XI, na face virada a Sul-Sudeste da colina de Santa Maria. Os dados resultantes das diversas intervenções arqueológicas têm vindo a confirmar esta cronologia, não sendo possível confirmar uma ocupação islâmica da colina genética anterior a esta data.

No presente trabalho não iremos abordar em detalhe a evolução e a transformação do espaço urbano no decurso da presença islâmica e do período medieval cristão, uma vez que esse exercício foi efetuado recentemente (Cavaco e Covaneiro, 2013). Tendo isto em linha de consideração, iremos referir alguns dados, entretanto obtidos e que possibilitam uma melhor compreensão da estrutura defensiva da cidade, bem como do seu espaço urbano.

No decurso da ocupação islâmica Tavira transforma-se, de uma pequena *qarya* (alcaria), protegida por um pequeno *hisn*, em *mādina* (cidade), em meados do século

XII. De forma a proteger o núcleo populacional, e os seus habitantes, foi edificado um sistema defensivo eficaz, o qual resistiu, no final das Segundas Taifas, a três cercos do Califado Almóada.

De acordo com Manuel Maia, o último alargamento da cintura defensiva terá ocorrido em época almóada, período em que terão sido realizadas obras de restauro e de reforço das muralhas (2003: 160). O reforço dos pontos mais frágeis do perímetro muralhado aparenta ter sido compensado pela construção de torres, barbacãs e fossos, pelo que trazemos à colação os dados procedentes da Rua Gonçalo Velho, Travessa dos Pelames n.º 6 a 8, Bela Fria, Calçada de Santa Maria e Rua da Liberdade n.º 78. Iremos ainda mencionar os trabalhos efetuados na Rua José Pires Padinha, devido ao seu contributo para o conhecimento do espaço urbano fora de muralhas.

No que concerne a Rua Gonçalo Velho, os trabalhos revelaram a existência de uma estrutura em alvenaria de pedra, de grandes dimensões, que se prolongava numa extensão de cerca de 5,50m, encontrando-se parcialmente destruída (Simão e Baptista, 2010: 25). Tendo em conta as características construtivas desta estrutura, a sua área de implantação e o provável traçado da muralha islâmica, os autores sugerem tratar-se de um pano de muralha de época islâmica (*ibidem*: 38).

Também na Travessa dos Pelames n.º 6 a 8 os trabalhos arqueológicos efetuados permitiram constatar que o traçado “calculado” para a muralha islâmica para este local não encontra real correspondência nos vestígios reconhecidos *in situ*<sup>6</sup>. Tendo estes dados em consideração, será de repensar o traçado que tem vindo a ser proposto para este troço da linha defensiva.

No decurso da escavação do parque de estacionamento da Bela Fria foi descoberto um arrabalde da cidade, bem como uma torre e uma estrutura murária com cerca de 1,60m de espessura (Covaneiro e Cavaco, 2012: 13;24). A torre da Bela Fria defenderia a porta homónima, juntamente com a torre albarrã, integrada naquela que é hoje a cerca do Convento da Graça. De um modo geral, este tipo de torre destaca-se da muralha, embora lhe esteja ligada por um passadiço. Uma intervenção realizada por Manuel Maia nesta área revelou a existência de “... *um grande passadiço do que pensamos ser outra torre albarrã, que com a anteriormente descrita guardaria a Porta da Vila Fria...*” (2003: 160).

---

<sup>6</sup> Informação inédita, fornecida pelos arqueólogos Fernando Santos e Liliana Nunes.

Ainda relacionado com o perímetro muralhado da cidade destacam-se os dados da Rua da Liberdade n.º 78, onde foi identificado um torreão das muralhas e um troço da barbacã da cidade<sup>7</sup> (Covaneiro, Cavaco e Candeias, 2015; Santos e Nunes, 2015).



Fig. 5. ©Fernando Santos. Torre e barbacã sito na Rua da Liberdade n.º 78

O torreão encontrava-se parcialmente destruído nas suas faces Sudeste e Sudoeste, sendo visível a sua continuidade para Nordeste, aparentemente integrado na construção do edifício vizinho. O embasamento é realizado em silhares enquanto os diversos níveis de enchimento são em taipa militar.

A tipologia construtiva e as dimensões desta torre aproximam-na das outras estruturas defensivas, que integram o perímetro muralhado da cidade. De acordo com Luís Campos Paulo “... as torres que defendiam o perímetro urbano, são de planta quadrangular, sub-quadrangular ou rectangular, maçicas a partir da base e adossadas ao paramento exterior da muralha” (2006: 76-79).

Os estudos realizados sobre as muralhas de Tavira, nomeadamente os de autoria de Manuel Maia e de Luís Campos Paulo, apontam para a existência da Porta da Alfeição, protegida por duas torres defensivas (Maia, 2003: 157), utilizada para salvaguardar um dos principais eixos viários da cidade islâmica. A dinâmica inerente ao

<sup>7</sup> Os trabalhos arqueológicos foram realizados pelos técnicos de arqueologia municipal, numa primeira fase e, por Fernando Santos e Liliana Nunes, numa segunda fase.

processo evolutivo da urbe medieval conduziu à demolição da Porta da Alfeição e de uma das torres, em 1854, para a construção do edifício da Cadeia Velha (Paulo, 2006). Hoje em dia ainda é possível observar parte da ombreira esquerda, no canto de um edifício particular, com o número de polícia 66. A outra torre defensiva situa-se dentro de um edifício particular “... *se ergue a muralha e uma imponente torre, se prolonga pelas traseiras da rua Miguel Bombarda ...*” (2005a: 16).

A torre identificada na Rua da Liberdade n.º 78 não aparece referenciada nas fontes históricas, nomeadamente nas plantas da cidade de Leonardo Ferrari (século XVI) (Sánchez Rúbio e Testón Núñez, 2004: 23) e de Sande Vasconcelos (finais do século XVIII), pelo que é possível que aquando da sua elaboração este torreão já estivesse “escondido” sob a cidade.

Ainda no n.º 78 da Rua da Liberdade foi identificada uma estrutura murária de grandes dimensões, interpretada como barbacã, com uma espessura de 1,5m e 8,2m de extensão, verificando-se a sua continuidade para Sudeste e Sudoeste, em áreas atualmente construídas. Esta estrutura encontra-se afastada cerca de 1,4m do torreão, partilhando com ele o mesmo alinhamento (Santos e Nunes, 2015: 11).

Após a observação do troço da barbacã da Rua da Liberdade, com enfoque no aparelho construtivo e respetivas dimensões, pensamos que o nosso olhar sobre uma estrutura murária reconhecida na Calçada de Santa Maria deverá ser reavaliado. A construção em causa situa-se a meia encosta e, embora não tenhamos indícios físicos e concretos da Porta da Bela Fria, esta edificação situar-se-ia defronte da porta, pelo que colocamos como hipótese de trabalho a sua correspondência com a barbacã.



Fig. 6. Troço da barbacã (?) da Calçada de Santa Maria

Na Rua Detrás dos Muros os trabalhos arqueológicos revelaram que entre a barbacã e a torre maciça existe uma distância de cerca de 1,5m, podendo esta separação formar um caminho ou passadiço, hoje transformado na "Rua Detrás dos Muros" (Maia, 2005b). Também Luís Campos Paulo (2006) verifica a existência de medidas similares na Rua dos Pelames, anteriormente designada de rua ou azinhaga da Barbacã.



Fig. 7. Muralhas de Tavira com implantação dos vestígios da Rua da Liberdade n.º 78 (1), Calçada de Santa Maria (2) e Travessa dos Pelames n.º 6 a 8 (3).

Os trabalhos efetuados na Rua da Liberdade n.º 78 permitiram identificar os níveis fundacionais, quer do torreão, quer da barbacã, contudo os materiais cerâmicos exumados não possibilitaram aferir cronologias mais precisas (Santos e Nunes, 2015: 11). A escassez de dados torna difícil contextualizar cronologicamente estas edificações. No entanto, sabemos, a partir de documentação medieval que, D. Fernando por causa da guerra mandou demolir as casas da rua Nova (*Rua da Liberdade*) de modo a que o castelo ficasse mais “desabafado” (Costa, 2003: 187). Assim, podemos considerar que a barbacã já estaria condenada, na segunda metade do século XIV, pelas construções aí existentes e que o rei mandou demolir.

No que respeita a evolução do espaço urbano deixamos aqui uma nota relativamente aos trabalhos realizados na Rua José Pires Padinha<sup>8</sup>. Estas revelaram a existência de níveis de aterro em toda a extensão da rua, possivelmente realizados aquando da construção do jardim público e do muro. Os materiais cerâmicos exumados são escassos e apontam para cronologias de época moderna/contemporânea. Estes dados são aqui referenciados pois vêm confirmar a não identificação de estruturas habitacionais junto ao rio, uma vez que é provável que as tercenas (*dār al-sinā'a*) se localizassem no atual Jardim do Coreto (Cavaco e Covaneiro, 2013: 429).

## 6. Algumas considerações

Os dados apresentados possibilitam concluir que a colina de Santa Maria regista uma longa cronologia de ocupação que remonta, pelo menos, ao Bronze Final (séc. VIII a.C a VII a. C). Contudo, o carácter parcelar da informação, bem como a ausência de estudos exaustivos dos materiais recolhidos limita algumas interpretações. Sobre esta ocupação salientamos a existência de contactos com populações exógenas, testemunhados na natureza dos materiais arqueológicos recolhidos.

Os testemunhos da Idade do Ferro surgem em continuidade com a ocupação anterior. Esta, a partir dos finais do século VIII a.C./inícios do século VII a.C., evidencia características orientalizantes que se manifestam nos espólios e na arquitetura. Aos dados procedentes de Netos, Corte-Real, Palácio da Galeria ou Convento da Graça, somam-se os procedentes da Calçada de D. Ana, Terreiro do Parguinho e Travessa dos

---

<sup>8</sup> Trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados pelas signatárias.

Pelames, que revelam um povoado com capacidade defensiva e uma população com competências produtivas e industriais. Esta comunidade integraria habitantes, capazes de ler e escrever em língua fenícia, interlocutores entre o litoral e o interior do território, possivelmente relacionados com a elite dirigente.

A cidade de Tavira, conjuntamente com Castro Marim, dois núcleos urbanos, localizados no Algarve oriental, assumem-se como centros de primeira ordem na terceira centúria do I milénio a.C.

À semelhança de outros sítios algarvios (Faro, Monte Molião ou Castro Marim) Tavira aparenta manter a mesma vitalidade económica que se regista na região no decurso dos séculos V, IV e III a. C. Com excepção da cerâmica de tipo Kuass, os conjuntos artefactuais integram entre outros, cerâmicas áticas, ânforas Maña Pascual A4 e de tipo Tiñosa, ilustrando o comércio de produtos manufacturados a larga distância, assim como a importação/exportação de produtos alimentares.

Sob domínio islâmico assiste-se à revitalização de Tavira, que de uma pequena alcaria no século XI se transforma em cidade em meados do século XII. De forma a proteger o núcleo urbano e as novas áreas residenciais (arrabalde da Bela Fria e do Orfeão) o perímetro muralhado é reforçado. A torre e o troço da barbacã da Rua da Liberdade poderão enquadrar-se nessas obras de reforço das muralhas da cidade em época islâmica, ou ser obra realizada sob o domínio cristão. Em qualquer um dos casos, esta estrutura já estaria condenada na segunda metade do século XIV, dado que D. Fernando mandou demolir as casas uma vez que “abafavam” as muralhas. Ao mesmo tempo, esta ordem real reflete o crescimento da cidade para área extramuros.

Os dados, antigos e recentes, trazidos à colação neste artigo, falam-nos de um núcleo urbano que, desde os momentos iniciais, se afirmou como lugar central do território envolvente. A dinâmica inerente a este processo evolutivo é um conhecimento em construção resultante de trabalhos arqueológicos e do estudo da documentação histórica.

## **Bibliografia**

ARRUDA, Ana Margarida (1993) – A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais. Actas do colóquio Os fenícios no território português*. Lisboa. IV, 193-213.

- ARRUDA, Ana Margarida (2000) – As cerâmicas de importação do castelo de Castro Marim: no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a.C. *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenícios y Púnicos*. Universidad de Cádiz, 727-735.
- ARRUDA, Ana Margarida (2002) – Los fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.). *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*. 5-6, 31-61.
- ARRUDA, Ana Margarida; COVANEIRO, Jaquelina e CAVACO, Cavaco (2008) – A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça (Tavira). *Xelb. Actas do Encontro Arqueologia no Algarve*. Silves. n.º 8. vol. I, 141-160.
- BARROS, Pedro (2004) – As cerâmicas áticas de Tavira. In. *Tavira: território e poder*. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia, 73-75.
- CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaquelina (2013) – O castelo e o povoado de Tavira. Traços evolutivos do islâmico ao cristão. In *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Lisboa: Edições Colibri - Campo Arqueológico de Mértola, vol. 1, 427-434.
- COSTA, Maria de Carvalho Pinto (2003) – Tavira nos séculos XII a XV - a ocupação cristã. In. *Tavira: território e poder*. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia, 183-203.
- COVANEIRO, Jaquelina e CAVACO, Sandra (2012) – *Calçada de Santa Maria. Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*. Câmara Municipal de Tavira.
- COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra e CANDEIAS, Celso (2015) – *Nota Técnica. Trabalhos arqueológicos na Rua da Liberdade n.º 78*. Câmara Municipal de Tavira.
- GOMES, Francisco e ARRUDA, Ana Margarida Arruda (2013) – A Cerâmica Pintada da II Idade do Ferro do Castelo de Castro Marim. *Revista Onoba*. 1, 19-54.
- FABIÃO, Carlos (2004) – O Serro do Cavaco (Tavira). In. *Tavira: território e poder*. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia, 77-81.
- SANTOS, Fernando Santos (2016) – *Nota técnica. Trabalhos arqueológicos no âmbito da obra de Reconstrução de troço de muralha em Tavira - Travessa dos Pelames 6 a 8, Tavira*.
- FREITAS, Vera Teixeira de Freitas (2005) – *As cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/7769>

- MACIEL, M. Justino (2004) – O território de Balsa na Antiguidade Tardia. In. *Tavira: território e poder*. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia, 105-126.
- MAIA, Manuel (2006) – A Barbacã da Muralha de Tavira. *Xelb. Actas do Encontro Arqueologia no Algarve*. Silves. n.º 6. vol. I, 41-50.
- MAIA, Manuel (2005a) – Muralha islâmica portuguesa. *Roteiro do Património Arquitectónico Militar de Tavira*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 12-23.
- MAIA, Manuel (2005b) – *Muralha islâmica de Tavira. Barbacã almóada*. <http://arkeotavira.com/arqueologia/tavira/barbaca/>
- MAIA, Manuel (2003) – Muralhas islâmicas de Tavira. In. *Tavira: território e poder*. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia, 155-162.
- MAIA, Maria (2000) – Tavira fenícia. O território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a. C. In. *Fenícios y Território. Actas do II Seminário Internacional sobre Temas Fenícios*. [online]. [11.09.2010]. Disponível em <http://www.arkeotavira.com/Estudos/Tavira.pdf>
- MAIA, Maria (2003) – A Idade do Bronze Final. In. *Tavira: território e poder*. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia, 39-47.
- MAIA, Maria (2004) – Tavira Turdetana, porto do “Círculo do Estreito” nos finais do séc. V a.C. Disponível em <http://www.arqueotavira.com/Estudos/PescaTavira.pdf>
- MAIA, Maria (2007) – *Relatório do acompanhamento arqueológico do desaterro e movimentação de terras para a execução do Projecto Integrado de Desenvolvimento Turístico das Muralhas de Tavira*.
- MAIA, Maria (2008) – *Relatório das sondagens arqueológicas realizadas pela Associação Campo Arqueológico de Tavira, no “Parque das Festas”, antigo horto/logradouro do Palácio da Galeria*.
- MAIA, Maria e GÓMEZ TOSCANO, Francisco (2012) – “Um achado da Idade do Bronze em Tavira”. In Javier Jiménez Ávia (ed). *SIDEREUM ANA II*. El río Guadiana en el Bronze Final. Anejos de Aespa LXII. Mérida, 327- 344.
- MAIA, Maria e LOUREIRO, Carlos (2008) – Maqueta sobre um povoado “fenício de ocidente” (na colina de Santa Maria). In. *Tavira: patrimónios do mar*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 164-166.
- MAIA, Maria e LOUREIRO, Carlos (2008) – Maqueta do sítio turdetano dito BNU. In. *Tavira: patrimónios do mar*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, pp. 166-168.

- MAIA, Maria e SILVA, Luís Fraga da (2004) – O Culto de Baal em Tavira. *Huelva Arqueológica. Actas del III Congreso Español de Antiguo Oriente Próximo*. Huelva. n.º 20, 171-194.
- MANTAS, Vasco Gil (2004) – A cidade de Balsa. In. *Tavira: território e poder*. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia, 85-94.
- MAYET, Françoise e SILVA, Carlos Tavares da (1993) – Presença fenícia no baixo-Sado. *Estudos Orientais. Actas do colóquio Os fenícios no território português*. Lisboa. IV, 127-142.
- MATEUS, Brígida (2010) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Trabalhos de Arqueologia. Terreiro do Parguinho n.º 2 a 4*. Tavira.
- PAULO, Luís Campos (2006) – *Tavira Islâmica. A Cidade e o Território*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- PINTO, Marina e SIMÃO, Inês (2009) – *Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico. Antigo Parque de Festas, Tavira. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*.
- SÁNCHEZ RÚBIO, Rocio; TESTÓN NÚÑEZ, Isabel; SÁNCHEZ RÚBIO, Carlos M. (2004) – *Imágenes de un imperio perdido. El Atlas del Marqués de Heliche*. [online] Badajoz. 4 Gatos. [28.02.09] Disponível em <http://4gatos.es/editorial/atlas-del-marques-de-heliche>
- SANTOS, Fernando e NUNES, Liliana (2015) – *Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos no âmbito da Obra de Alteração e Reabilitação de edifício sito na Rua da Liberdade, n.º 78-Tavira*.
- SIMÃO, Inês e BAPTISTA, Brígida (2010) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Sondagens de Diagnóstico: Ecopontos do Centro Histórico de Tavira*.
- SUÁREZ PADILLA, José e MÁRQUEZ ROMERO, Jose Enrique (2014) – “La problemática de los fondos de cabaña en el marco de la arquitectura protohistorica del sur de la Península Ibérica”. *MENGA. Revista de Prehistoria de Andalucía*. 5, 199-225.
- VASCONCELOS, José de Sande – *Borrão do Alçado da planta de Tavira: visto da parte do nascente pa. o occidente segundo a direcção e ordens d'Illmo e Exmo. Senhor Conde de Val de Reys. Gor. e Capam*. [online]. [11.06.2011]. Disponível em [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart512323.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart512323.pdf)

